

REVISTA MARACANAN

Entrevista

Entrevista com o professor Orlando de Barros (UERJ)

Interview with professor Orlando de Barros (UERJ)

Andre Barbosa Fraga*

Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Thiago Cavaliere Mourelle**

Arquivo Nacional
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Mayra Coan Lago***

Universidade Federal do Rio Grande
Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul, Brasil.



* Professor efetivo de História da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro e professor substituto do CEFET. Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Membro do Grupo de Pesquisa *Dimensões do Regime Vargas e seus desdobramentos* (UERJ/CNPq). (andrebfraga@yahoo.com.br)

 <https://orcid.org/0000-0001-9522-7942>  <http://lattes.cnpq.br/6893073761315830>

** Historiador concursado da Equipe de Pesquisa do Arquivo Nacional. Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Membro do Grupo de Pesquisa *Dimensões do Regime Vargas e seus desdobramentos* (UERJ/CNPq). (thiagocmourelle@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0001-6873-7242>  <http://lattes.cnpq.br/8234494633512350>

*** Professora substituta de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutora em História Social e mestra em Ciências da Integração da América Latina pela Universidade de São Paulo. Membro do Grupo de Pesquisa *Dimensões do Regime Vargas e seus desdobramentos* (UERJ/CNPq). (mcoann@hotmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0001-7018-4683>  <http://lattes.cnpq.br/0294430227917442>

Entrevistadores: Professor, você é um dos maiores especialistas sobre o governo Vargas, orientador de inúmeros trabalhos que foram publicados e premiados e autor de diversos artigos e livros. Gostaríamos que fizesse uma rápida retrospectiva lembrando como foram seus processos de pesquisa e escrita a respeito dos anos de 1930 e de 1940. O que o motivou a escrever sobre esse período? Quais são os principais temas estudados por você? Como avalia a sua contribuição para a área?

Orlando de Barros: Não sou dos maiores especialistas sobre o governo Vargas, apenas um dentre muitos, mais velho que a maioria e, por isso, bem experimentado. Já pesquisei e escrevi sobre outras épocas e outros temas, com a mesma garra e gosto; mas realmente prefiro o período de Vargas. O meu interesse pelo estudo do tempo de Vargas começou quando jovem professor da *UFF*, quando tinha por companheiros de barca e de carona de meu fusca (ainda não havia a ponte) dois colegas muito afeitos a Vargas: José Nilo Tavares e a até então Celina Vargas do Amaral Peixoto, a neta de Getúlio. O tema das travessias da baía era quase só este, quando não tratávamos da Ditadura Militar que nos governava. Isso foi lá por 1967 e 1968. Antes disso, para mim, Vargas apenas fazia parte dos currículos.

O que me motivou a pesquisar e a escrever foi a constatação de quantos assuntos mal conhecidos faziam parte da época de Vargas. E também pela publicação de não poucos livros e artigos por brasilianistas norte-americanos, a maioria tratando da história brasileira no século XX, muitas vezes de maneira modelar. Isso incomodava um pouco, pois podíamos fazer o mesmo. Muitas coisas me motivaram a tomar a direção de Vargas. Eu nasci em 1942, sou uma "criatura estadonovista" por nascimento, embora viva escrevendo contra as práticas do Estado Novo, sobretudo contra a violência da ditadura. A *Grande Guerra* me apaixonou, a nossa e a dos outros, vivo lendo permanentemente a respeito, desde adolescente. Estudei um pouco de cada tema: educação, cultura popular e de elite, relações internacionais, o Colégio Pedro II durante o Estado Novo, episódios de antissemitismo. Um dos temas sobre os quais mais gostei de estudar e escrever foi a Eugenia, durante o Estado Novo, e de uma forma distinta, que foi encontrar o tema enviesado com o nazismo inimigo.

Há vieses que me apaixonam: um deles é quando um fato aparentemente menor é chave para o entendimento de fenômeno maior, e o torna mais perceptível e claro, ou lança sombras no que parece claro. Me deixo levar às vezes pela epifania. Outra coisa que me domina é a procura dos pontos de significação, onde se revela o sentido dos eventos, o lugar dos nós. Por isso estudei e ainda estudo muito as ciências da significação, como a linguística e a semiologia, que uso sempre de maneira o mais discretamente possível para que não produzam um filtro excessivo na narrativa histórica que se tece. Gosto dos temas onde abundam as contradições,

lugar ótimo para clarear o sentido. Sou muito ligado às questões e tensões da narrativa, as versões e embates das fontes, dos textos de história e as minhas próprias.

Minha contribuição para a área bem que poderia ser maior, pois não acho mesmo que é relevante, tirando uma coisa ou outra. A questão é que sempre preferi lidar com as aulas, com a demorada preparação que exige estudo e compreensão de coisas complexas. E também porque gosto de ensinar e pesquisar, de orientar Dissertações e Teses. E de ajudar os supervisionados do pós-doutorado e os doutorandos a escrever livros.

Recentemente, muito se tem problematizado sobre a chamada *Revolução de 1930*. Você a entende como revolução, reforma ou golpe? Considera alguma dessas nomenclaturas adequadas ou enxerga ainda outra que defina melhor esse movimento político-militar?

Orlando de Barros: Penso que se pode ver o advento do regime de Vargas como um pouco das três coisas. Bem sabemos que a derrubada de Washington Luís e a subida de Vargas se deu por meio de um golpe bem característico. Que foi mais reformista que revolucionário também a mim parece pouco duvidoso. Muitos acham que não há mais como renunciar a “revolução” por força do hábito, pelo costume e repetição da palavra. Mas como o Brasil sempre foi um país muito conservador, o regime de Getúlio tem propriedades revolucionárias, e em muitos casos é mesmo revolucionário. Reformas sobre um pano de fundo reacionário criam um efeito muito progressista. Tudo isso é muito intangível, fluido.

Você já fez críticas à expressão “Era Vargas”. Pode explicar por que a considera equivocada ou inadequada para se referir ao governo Vargas?

Orlando de Barros: Acho inadequada e mesmo de mau gosto. “Era Vargas” extrapola a dimensão histórica, e diviniza o grande homem que Getúlio realmente foi. “Era Vargas” supõe “Antes de Getúlio” e “Depois de Getúlio”, como a.C. e d.C. Getúlio foi um homem histórico. Essa coisa de Era Vargas começou a ser gestada em 1944, quando Simões Lopes propôs a Vargas a criação da fundação que leva seu nome, inicialmente como uma instituição para fazer a memória e documentação daquele governo singular. É uma coisa que estimula o acrítico e a paixão. Contrária, a meu ver, a verdadeira noção desvendadora e desmistificadora da história. Mas não sou intolerante; costume ouvir o “Era Vargas” impassivelmente.

Mais especificamente sobre a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, no seu livro *A Guerra dos artistas (2010)*, publicado pela editora *e-papers*, você explora um

ângulo incomum: a participação dos artistas e do sistema de entretenimento. Como parte do meio artístico brasileiro reagiu à adesão do Brasil ao conflito? Qual foi o papel ou a importância dos artistas e do sistema de entretenimento no “esforço de guerra”?

Orlando de Barros: Os artistas e os demais trabalhadores do entretenimento somaram-se à população em geral na indignação contra o torpedeamento dos navios brasileiros de carga e passageiros desarmados. Artistas solidários com o esforço de guerra aconteceu não só no Brasil, mas em outros países. Nos Estados Unidos o movimento dos artistas na guerra foi muito mais intenso do que no Brasil, como, aliás, mais que em qualquer outro canto, por causa do sistema de entretenimento lá existente.

Os artistas queriam dar suporte aos “*pracinhas*” onde quer que estivessem, para que se sentissem apoiados e relaxados. Queriam distrair a população em geral, por causa da situação tensa, das mães de família à espera dos telegramas comunicando as mortes no *front*. Era preciso compensar um pouco o racionamento de alimentos e insumos básicos, os apagões, o racionamento de bens, a falta constante de combustíveis, que muito complicava os transportes. E havia ainda os exercícios de defesa passiva, os “*blackouts*” etc...

Os artistas também tinham muito em conta a importância de Getúlio para o meio artístico (foi o proponente da lei de proteção aos autores, de 1928, quando deputado) e Getúlio foi, afinal, “sócio número 1” da Casa dos Artistas. Getúlio gostava do mundo *pop*, deixava o aparelho de rádio ligado nas canções populares, frequentava o teatro de revistas toda vez que podia. Virou personagem: o ator Pedro Dias que tinha mais ou menos a compleição física do presidente algumas vezes, conforme a crítica, tinha feito um “ótimo Getúlio, na revista tal”. De outro modo, a violência do Estado Novo e a censura não chegaram propriamente a perturbar os artistas. Quanto à censura, ela foi trocada pela tolerância, às vezes excessiva, pelo “sal grosso” nas revistas teatrais (trocadilhos de duplo sentido, meio pornográfico). Os artistas e o pessoal técnico do rádio brilharam durante a guerra, ao lado das revistas teatrais, mas tudo embalado pelas canções, o insumo mais rico daqueles tempos.

No livro citado por vocês também estudei as “Cantinas dos combatentes”, que seguiram o modelo americano, principalmente quando atuaram no Nordeste, local de intensa ocupação de tropas estrangeiras e brasileiras. Aí as organizações brasileiras receberam o auxílio técnico, artístico e financeiro do *USO* [*United Service Organization*]. Também no entretenimento houve uma forte aliança Vargas-Roosevelt, num tempo em que muitos artistas brasileiros atuavam nos Estados Unidos, e americanos aqui, nos cassinos.

No capítulo “A Rádio Mauá: a ‘emissora dos trabalhadores do Brasil’ da origem obscura a peça essencial do trabalhismo no Estado Novo (1943-45)”, publicado na coletânea on-line Estado e lutas sociais na América Latina: sociedade, economia e política (2019), você comenta que, até o final de 1941, havia certa simpatia nos órgãos de

segurança com as emissões vindas da Alemanha e da Itália e alguma antipatia com a forte presença radiofônica inglesa, talvez por causa da feição fascista predominante no Brasil por ocasião dos primeiros anos do Estado Novo, particularmente forte tanto na polícia política e social quanto no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Poderia comentar um pouco sobre essas simpatias e antipatias?

Orlando de Barros: A regulamentação da radiodifusão ocorreu no Brasil em 1932, um ano antes da chegada dos nazistas ao poder na Alemanha. Em 1934, Simões Lopes esteve em Berlim (sem o conhecimento da embaixada, ao que tudo indica) para observar o funcionamento do ministério de Joseph Goebbels. Ia ficar 4 dias, ficou 9. Ao voltar, escreveu carta a Vargas fazendo recomendações. Depois da criação do DIP [1939] é possível constatar que a regulamentação de 1932 não mudou muito, exceto quanto às prerrogativas e capacidade de controle da radiodifusão pelo Estado. O DIP era muito estruturado, sendo a Divisão de Rádio uma das mais poderosas. O organizador de tudo isso foi Lourival Fontes, um fascista convicto, certa vez recebido pelo *Duce*, em Roma. A Divisão de Rádio foi entregue a outro fascista, Júlio Barata, mais tarde enviado em "missão radiofônica" aos Estados Unidos.

Muitos burocratas e militares eram integralistas, assim como um contingente importante das corporações policiais. Durante o período de neutralidade brasileira, que vai até 28 de janeiro de 1942, a polícia política tomou como subversivas as emissões da *BBC* muitas vezes, quando faziam propaganda da democracia, da sociedade e economia liberais e criticavam o autoritarismo fascista *etc.* Na revista *Reação Brasileira* atuaram muitos funcionários públicos, a favor do Eixo e contra a Inglaterra e os Estados Unidos. Depois da declaração de guerra, *Reação Brasileira* (assim como outros periódicos) foi mudando de lado até se tornar uma entusiasta das Nações Unidas.

A *Rádio Mauá*, antiga Ipanema, foi pretensamente expropriada de espiões e colaboradores do nazismo. Reorganizada pelo Ministério do Trabalho, veio a se tornar uma emissora especializada, em favor da política trabalhista de Getúlio, em 1945, quando o Estado Novo já se achava em crise. Nessa ocasião, finda a guerra, o Brasil formava numa aliança estreita com os Estados Unidos, enquanto alguns dos organizadores e funcionários da *Rádio Mauá* tinham militado no integralismo.

Devido a essas simpatias e a outras manifestações amistosas de funcionários do governo brasileiro em relação aos países do Eixo, alguns pesquisadores identificaram Vargas como ditador e seu governo como fascista. Você concorda com essa identificação? É possível incluir Vargas em alguma derivação político-ideológica?

Orlando de Barros: É bem sabido que altos funcionários, como Filinto Müller, Lourival Fontes, Francisco Campos, Gois Monteiro e muitos outros foram simpatizantes em certa época,

mormente antes da guerra. Muitos se tornaram integralistas, sobretudo na Marinha. Os militares, pode-se dizer, tinham grande admiração pela eficiência e organização das forças armadas alemãs, e pela sua tecnologia militar, mas a ideologia racista era um impedimento para uma identificação mais profunda. A identificação ocorreu mais em relação ao nacionalismo, à centralização política e eliminação do federalismo, e também à concepção corporativa das relações entre trabalho e capital. Essas tinturas podem ter nuance fascista, mas no fundo me parece que Vargas se valia do autoritarismo fascista, com alguns traços, para estabelecer um país moderno, com elevação da classe trabalhadora, reservando direitos e papel histórico às massas. Não creio que quisesse tirar o poder da burguesia. Talvez quisesse atenuá-lo.

A ideia de um "Vargas fascista", de um "Estado Novo fascista", foi gestada e exacerbada entre fevereiro e maio de 1945, quando as tropas voltavam da Europa, e o país subitamente começou a se agitar com a campanha sucessória de Getúlio. A violência da imprensa, parte dela ex-aliada do regime de Getúlio, passou a carregar no "regime fascista", para associá-lo em que mais pudesse com o fascismo alemão e italiano, derrotados naquela hora na guerra, ao mesmo tempo que os cinemas passavam os documentários da guerra mostrando as atrocidades cometidas pelos regimes de Hitler e Mussolini. Aliás, a constituição do Estado Novo foi apelidada de Polaca, por causa da constituição fascista polonesa do Marechal Pilsudski. O resto ficava por conta dos partidos em formação, muito agressivos, como a UDN.

Quais temas associados à participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em particular, ou ao governo Vargas, em geral, você indicaria para um pesquisador que começa a desenvolver investigações sobre o período, levando em consideração as lacunas que ainda enxerga na historiografia brasileira a respeito dos anos 1930 e 1940?

Orlando de Barros: Creio que muitos temas já batidos mereceriam reinterpretações, à luz de novas metodologias ou com o uso de fontes novas ou não muito usadas até agora. Na história do trabalho, talvez fosse interessante uma discriminação mais exata entre o que foi original na composição trabalhista do período Vargas e o que veio como conquista anterior, do anarquismo, do ativismo sindical, do socialismo, dos legisladores sociais *etc.* A cultura foi intensamente estudada, mas nem sempre satisfatoriamente interpretada. Me intriga, por exemplo, como pôde uma figura que tanto sofreu nas prisões ter colaborado tão intensamente com as publicações do DIP logo que libertado, como o Graciliano Ramos. Questões entrelaçadas com concepções étnicas, raciais, eugênicas, ideológicas *etc.*, ainda dão margem para bons estudos. Eu gostaria muito de estudar as celebrações do Dia da Raça, o que nunca pude fazer. Fiz alguns estudos que estão incompletos e que bem gostaria prosseguir. Por exemplo, como se deram as relações do governo Vargas com a OIT [*Organização Internacional do Trabalho*], órgão

que intensificou as relações com o Brasil cinco anos antes de Vargas chegar ao poder, sendo um organismo internacional muito sensível.

Para encerrar: você é coordenador do Grupo de Pesquisa *Dimensões do Regime Vargas e seus desdobramentos*, da UERJ, que reúne pesquisadores com as mais diversas titulações para a realização de eventos e publicações e a troca de fontes e informações sobre o governo Vargas. Como você avalia o trabalho desse grupo e qual a importância de iniciativas como essa?

Orlando de Barros: A importância é notoriamente grande. À frente do grupo de pesquisa, sinto que estou sempre num grande congresso, em que se pode esperar surjam pesquisas as mais inusitadas, sob as interpretações as mais surpreendentes. Ainda que cada qual esteja em suas tarefas particulares, os encontros e trocas de ideias entre os especialistas simulam muito bem um trabalho coletivo, e que às vezes há mesmo. Os pesquisadores do grupo já produziram um bom número de livros, e continuam a produzir, o que demonstra que o período Vargas é fértil e que está longe de se esgotar.

Muito obrigado!

Referências

BARROS, Orlando de. *A Guerra dos Artistas. Dois Episódios da história brasileira durante a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: e-papers, 2010.

BARROS, Orlando de. A Rádio Mauá: a 'emissora dos trabalhadores do Brasil' da origem obscura a peça essencial do trabalhismo no Estado Novo (1943-45). In. URQUIDI, Vivian; NEPOMUCENO, Margarida; LAGO, Mayra Coan *et al.* *Estado e lutas sociais na América Latina: sociedade, economia e política*, parte 2: Ditadura, Justiça e Reparação. São Paulo: PROLAM editora/FAPESP, 2019, p. 255-281. Disponível em: https://sites.usp.br/prolam/estado_lutas_sociais/. Acesso em: ago. 2021.